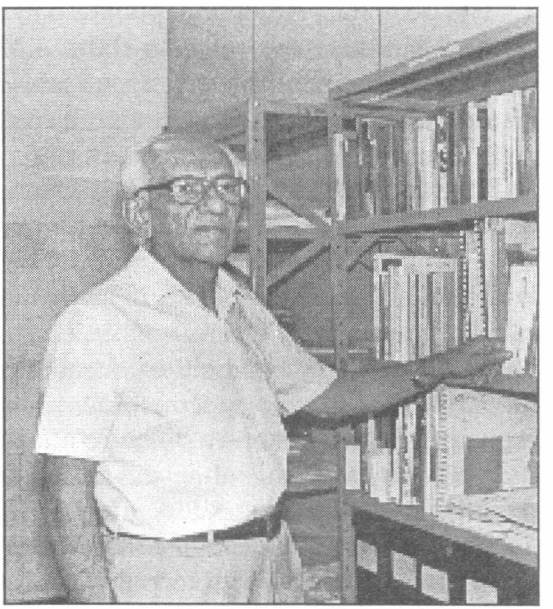
AMILCAR HERRERA: UM INTELECTUAL LATINO-AMERICANO



Faleceu no dia 23 de setembro, aos 75 anos, o professor emérito da UNICAMP, Amilcar Herrera. Embora estivesse aposentado desde 1990, Herrera permanecia ativo como professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências.

Argentino de nascimento, mas brasileiro de coração, chegou à UNICAMP em 1979, onde criou o Instituto de Geociências e passou a participar intensamente na vida de nossa universidade e de outras instituições nacionais ligadas à pesquisa.

Fazendo eco às dezenas de manifestações recebidas de várias partes do mundo pelo seu desaparecimento, queremos compartilhar com os colegas da Universidade esta reflexão sobre sua obra para que possamos transformar nosso profundo pesar numa genuína alegria pelo privilégio que foi disfrutar de sua companhia.

Amilcar Herrera estudou Geologia na Argentina e nos EUA. Trabalhou neste campo no Instituto Nacional de Geologia e Mineração da Argentina, onde assumiu a Vice-Presidência, em 1964, e na Faculdade de Ciências Exatas da Universidade de Buenos Aires. São desta época seus primeiros trabalhos científicos relacionadas à área mineral. Dentre eles, mereceram destaque internacional os relacionadas à gênese e estrutura dos pegmatitos da Argentina. Seus dois livros acerca dos recursos minerais da América Latina, publicados em 1964 e 1974, se converteram em importantes referências sobre o tema.

Ao lado de outros renomados pesquisadores de sua geração, Herera contribuiu para gestar o que veio a se constituir no período mais fértil e criativo da universidade argentina. A instauração do regime militar e o crescente cerceamento às atividades de cunho progressista na universidade obrigou a que ele se afastasse

de seu país. A partir de 1966, trabalhou no Departamento de Geologia da Universidade do Chile.

É no Chile que se inicia sua produção acadêmica relacionada à política científica e tecnológica - área a que se dedicou crescentemente a partir de então. Em 1971, já de volta à Argentina, publica o livro "Ciencia y Política en América Latina", no qual sintetiza sua reflexão sobre o tema da Política Científica e Tecnológica, destacando-se desde então como uma das autoridades mais importantes do Terceiro Mundo nessa temática. Este livro se constitui num marco do pensamento latino-americano sobre os condicionantes da dependência tecnológica da região e, atualmente na 10ª edição, segue sendo uma leitura obrigatória para os estudiosos do tema.

Participando de um dos momentos mais criativos das ciências sociais latino-americanas, e a partir de seu conhecimento e experiência de pesquisa nas ciências naturais, Herrera soube interpretar de forma aguda e abrangente as implicações do contexto político, econômico e social no processo de desenvolvimento da ciência e da tecnologia latino-americanas. Contrariando pontos de vista de ampla aceitação, ele argumentava de que o atraso relativo dos seus sistemas científicos não era uma das causa do subdesenvolvimento latino-americano, mas sim o resultado de um modelo imitativo e dependente, incapaz de traduzir em demanda tecnológica as enormes necessidades sociais existentes. Muitos dos conceitos enunciados na sua obra, como os de "política tecnológica explícita e implícita", e as análises acerca da importância de um "projeto nacional" ou da "demanda social por tecnologia" para o desenvolvimento científico e tecnológico, passaram a partir de então a ser uma referência constante nos estudos sobre esta problemática.

Entre 1974 e 1976, na Fundação Bariloche - instituição que anos antes havia ajudado a criar -, Herera coordena a equipe que formula o Modelo Mundial Latino-americano. Preocupado com as previsões catastrofistas acerca do futuro realizadas pelos modelos prospectivos mundiais que então concentravam a atenção da comunidade científica internacional, e consciente dos pressupostos implícitos que se escondiam por trás de uma aparente neutralidade, Herrera idealiza uma resposta do Terceiro Mundo àquelas visões. De fato, como grande parte de sua produção acadêmica, este trabalho se dedica ao questionamento de visões já consolidadas contra as quais se fazia necessário a construção de enfoques alternativos. Diferentemente dos trabalhos de natureza tendencial pretensamente objetivos, aos quais se contrapõe, o "Modelo Bariloche", como passou a ser chamado, se caracterizou por ser o único modelo prospectivo assumidamente normativo.

O Modelo Bariloche permanece como uma indicação não refutada da viabilidade de um estilo de desenvolvimento igualitário e auto-sustentado, e se constitui ainda hoje numa proposta que aglutina o pensamento acadêmico e político

acerca de alternativas globais socialmente e ecologicamente viáveis para nosso futuro comum. O livro que sintetiza seus resultados - "Catástrofe ou Nova Sociedade" - foi editado em inglês, francês, espanhol, alemão, japonês e holandês, havendo sínteses e discussões sobre o mesmo publicados em praticamente todo o mundo.

Em novembro de 1976, em função dos acontecimentos políticos na Argentina, Herrera é novamente levado a abandonar o seu país. Aceitando um convite da Universidade de Sussex, radica-se na Inglaterra como Senior Visiting Fellow no Science Policy Research Unit, que já então se havia convertido no principal centro internacional de reflexão sobre política científica e tecnológica. No SPRU, segue aprofundando sua reflexão sobre a problemática da Ciência e da Tecnologia participando de inúmeros seminários e publicando artigos que viriam a tornar-se literatura obrigatória na área.

Em 1977, em meio a esse período e por ocasião de sua participação no Seminário Ciência, Tecnologia e Independência, realizado na UNICAMP, Herrera é convidado pelo Coordenador Geral das Faculdades - Rogério Cerqueira Leite - e pelo Reitor da Universidade - Zeferino Vaz - para implantar o Instituto de Geociências. O desafio de voltar à América Latina e de criar uma instituição que pudesse contribuir para o desenvolvimento da região colocando em prática os conhecimentos e a experiência adquiridos era instigante. A oportunidade de trabalhar com colegas brasileiros e latino-americanos no campo da política científica e tecnológica era interessante. O ambiente que havia encontrado no Brasil e o clima de discussão existente na UNICAMP, aliado à qualidade do trabalho aqui desenvolvido eram atrativos.

Em 1979, Herrera abandona o SPRU e se fixa na UNICAMP, iniciando, numa época difícil para nossa universidade e com apenas alguns poucos colaboradores, a complexa e desafiante tarefa de criar uma instituição de pesquisa e ensino com características multidisciplinares. Seu projeto de implantação do Instituto, idealiza uma instituição dedicada a explorar direções de trabalho que reunissem a dupla condição de serem importantes para o futuro do País e da América Latina e de não estarem ainda adequadamente tratadas em nossa região.

Além das áreas de Administração e Política de Recursos Minerais e de Metalogênese - ambas pertencentes ao domínio das geociências - a de Política Científica e Tecnológica satisfazia aquela dupla condição e foi por ele escolhida. Cabe destacar, pelo absoluto ineditismo que representa, a iniciativa de implementar um programa de pesquisa nesta área na universidade brasileira. O que se iniciou em 1980 como um pequeno grupo de professores e alunos de distintas unidades da UNICAMP consolidou-se até alcançar sua institucionalização como um departamento responsável pela pesquisa e docência em Política Científica e

Tecnológica, e converter-se num dos principais centros de reflexão sobre o tema na América Latina.

Durante os dez anos em que permaneceu à frente do IG, Herrera corroborou a dedicação, seriedade, criatividade e espírito de liderança que já o haviam caracterizado em suas experiências de trabalho anteriores. Marcou sua atividade administrativa entre nós pelo trabalho em equipe, pela delegação de responsabilidades e pela criação de um espaço institucional para que cada um de seus colaboradores pudesse concretizar os planos de desenvolvimento de suas respectivas áreas acadêmicas.

Adepto do trabalho multidisciplinar - por acreditar que cada vez mais os problemas realmente significativos de nossa realidade não se nos apresentam com etiquetas onde se possa ler "ciências sociais", "ciências exatas" ou "ciências naturais", como costumava dizer - Herrera inicia a atividade de pesquisa do Instituto com um projeto mediante o qual compartilhamos ao longo de três anos, com professores do IFCH e do IMECC, uma intensa e profícua busca de um enfoque comum. Este projeto multidisciplinar - Modelo de Demanda de Recursos Minerais - foi um dos fundamentos no qual se apoiou o desenvolvimento da área de Administração e Política de Recursos Minerais do Instituto.

Em função de sua correta opção pela concentração das atividades de ensino do IG no nível de pós-graduação, Herrera orientou o potencial da pequena equipe que coordenava para a realização de pesquisas ambiciosas e de grande efeito multiplicador, que auxiliaram significativamente na busca e consolidação de uma identidade própria para a instituição.

Foi este o caso do Projeto Prospectiva Tecnológica para a América Latina, realizado sob sua coordenação por equipes de cinco instituições (além da equipe de Política Científica e Tecnológica do IG) de quatro países, e que contou com o apoio da Universidade das Nações Unidas e do IDRC durante seus cinco anos de execução. A exemplo do Modelo Bariloche, este projeto foi formulado como uma resposta latino-americana a uma problemática mundial. O surgimento e difusão de uma nova onda de inovações de profundo impacto sobre a organização social e econômica internacional e de cada país em particular, foi objeto de uma profunda análise. A proposição de que o novo conhecimento científico e tecnológico em gestação era ao mesmo tempo uma ameaça aos países da América Latina e uma oportunidade a ser aproveitada no sentido do seu desenvolvimento, dependo das ações que fossem implementadas no sentido de adequar o contexto sócio-institucional à nova realidade, foi um dos suas conclusões significativas.

Amigo das "utopias, Herrera ensinou-nos a enxergar o conteúdo viesado das proposições de estilos de desenvolvimento aparentemente neutras que na verdade pretendem legitimar a manutenção de situações indesejáveis sob vários

aspectos, apelando para seu caráter "pragmático" e "realista". Uma das frases que costumava repetir com uma atitude que era uma mistura da de um cientista natural, que descobre uma verdade inquestionável e se rende a sua descoberta, e de um incansável lutador pelo progresso social, com experiência e sensibilidade suficientes para saber escolher o terreno em que travava suas batalhas - "para grandes problemas não adiantam nada pequenas soluções" - nos mostrou nesses profícuos anos de convivência um caminho a percorrer.

Inimigo das "votações assembleísticas", mas defensor do democrático direito de dissentir, sempre esteve consciente da importância da criação de um espírito de convivência e um clima de trabalho e produção acadêmica positivos. Por isso sempre esteve disposto a gastar um tempo aparentemente despropositado em discussões até que se chegasse a uma decisão consensual.

Experiente conhecedor das inúmeras irracionalidades muitas vezes geradas pelas instituições públicas e seus meandros burocráticos, ele sempre soube transmitir entusiasmo a nossa equipe e evitar a decepção que alguma iniciativa malograda nos causava. Consciente da necessidade de contornar as dificuldades burocráticas, ele costumava dizer que "nunca se deve perguntar a um colega da área administrativa se é permitido ou `legal' fazer algo, mas sim como é que se pode fazer este algo".

Frente aos obstáculos que dificultavam a implementação dos planos que traçávamos, Herrera esteve sempre disposto a usar seu prestígio e autoridade acadêmicas para resguardar as idéias de seus jovens colaboradores. E isto sem paternalismo de qualquer espécie. Simplesmente porque também era jovem, talvez mais do que nós mesmos...

Em simultâneo à difícil tarefa de implantação do IG, Herrera seguiu participando em inúmeros eventos nacionais e internacionais, convidado por universidades, organismos supranacionais, organizações não governamentais, etc, do mundo inteiro. Neles divulgava os resultados dos trabalhos em desenvolvimento no IG e sua visão acerca da problemática atual e do futuro da América Latina.

Em paralelo ao seu trabalho acadêmico e universitário, e consciente das imitações que este às vezes apresenta para a discussão de temas menos ortodoxos, Herrera dedicou-se ao que chamava com bom humor de "cultura das catacumbas". Com renovado interesse multidisciplinar, Herrera avançou como poucos cientistas latino-americanos na exploração das origens e destinos da espécie humana, defrontada a uma profunda crise de múltiplas dimensões. Prosseguindo com a reflexão iniciada em seu livro "A Longa Jornada", em que discute e contribui com pensadores de outras partes do mundo com uma lúcida incursão sobre o destino da espécie humana, ele motivou um grande número de jovens que o seguiram nesta aventura intelectual das mais difíceis e importantes.

Autor de uma vasta produção acadêmica, Herrera se caracterizou pela profundidade e criatividade com que abordou os variados temas a que se dedicou. Aliada a elas, sua atitude humanista e comprometida com a transformação social, que transparece em toda a sua obra, conforma uma postura intelectual que merece ser valorizada e tomada como exemplo em nossa meio universitário.

Porém, mais do que um intelectual e professor de primeira grandeza, Herrera foi um fazedor de caminhos. E à medida em que os percorria ia fazendo companheiros, amigos que o seguiam convencidos da importância dos objetivos que apontava e da correção da rota que sugeria.

Todos que o conheceram sentirão saudade de um amigo e mestre dedicado que, sem dogmatismos, mas com um profundo engajamento com as causas sociais seguirá iluminando as "catacumbas" por onde nos toca passar nesta "longa jornada" que recém se inicia. O brilho deste intelectual latino-americano nos fará falta neste período difícil que atravessa nosso continente.

Renato Dagnino